



Ancestralidade no Sertão Mineiro: Construção de um Território Religioso na Comunidade de São Pedro, em Bocaiuva-Minas Gerais

Ancestry in the Minas Gerais Hinterland: Construction of a Religious Territory in the Community of São Pedro, in Bocaiuva-Minas Gerais

1. **Sabrina da Silva Gonçalves**  <https://orcid.org/0009-0006-3730-8756>

1. Universidade Estadual de Montes Claros  Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

2. **Ricardo Henrique Palhares**  <https://orcid.org/0000-0002-9786-3683>

2. Universidade Estadual de Montes Claros  Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

3. **Vivian Mendes Hermano**  <https://orcid.org/0000-0002-3642-6762>

3. Universidade Estadual de Montes Claros  Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

4. **Ana Ivania Alves Fonseca**  <https://orcid.org/0000-0002-7873-750X>

4. Universidade Estadual de Montes Claros  Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Autor de correspondência: sabrinagoncalves.geo@gmail.com

RESUMO

Este estudo explora a intrincada relação entre ancestralidade familiar, território e fé na comunidade rural Recanto de São Pedro, localizada em Bocaiúva/MG. Através de uma abordagem qualitativa e exploratória, a pesquisa investiga como as práticas e crenças transmitidas ao longo das gerações moldaram este espaço rural, conferindo-lhe uma identidade singular. Os resultados deste estudo contribuem para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais, culturais e religiosas que moldam o território brasileiro, bem como para a valorização e preservação do patrimônio cultural e religioso das comunidades locais. Do ponto de vista prático, os resultados da pesquisa podem ser utilizados para subsidiar políticas públicas de valorização e preservação do patrimônio cultural e religioso do Recanto de São Pedro, assim como de outras comunidades rurais que compartilham características semelhantes. Além disso, reforça-se a relevância da ancestralidade como categoria analítica indispensável para compreender processos identitários, ancestrais, territoriais, simbólicos e históricos no sertão mineiro contemporâneo.

Palavras-chave: territorialidade religiosa; vivência devocional; ancestralidade religiosa; festejo de São Pedro

ABSTRACT

This study explores the intricate relationship between family ancestry, territory, and faith in the rural community of Recanto de São Pedro, located in Bocaiúva, Minas Gerais. Through a qualitative and exploratory approach, the research investigates how practices and beliefs transmitted across generations have shaped this rural space, giving it a unique identity. The results of this study contribute to a more comprehensive understanding of the social,

cultural, and religious dynamics that shape Brazilian territory, as well as to the appreciation and preservation of the cultural and religious heritage of local communities. From a practical point of view, the results of the research can be used to support public policies for the appreciation and preservation of the cultural and religious heritage of Recanto de São Pedro, as well as other rural communities that share similar characteristics. Furthermore, it reinforces the relevance of ancestry as an indispensable analytical category for understanding identity, ancestral, territorial, symbolic, and historical processes in the contemporary sertão region of Minas Gerais.

Keywords: religious territoriality; devotional experience; religious ancestry; celebration of São Pedro

Introdução

O Sertão Norte-Mineiro, frequentemente subestimado, é um mosaico cultural e religioso que pulsa através de gerações. Longe de ser apenas um cenário árido, ele representa um espaço de resistência cultural onde comunidades persistem em salvaguardar suas tradições ancestrais. É um território de rica diversidade cultural e religiosa, com valorização da identidade cultural, resistência aos impactos da modernização e busca por estratégias de preservação, elementos-chave para garantir a continuidade desse patrimônio cultural. É fundamental reconhecer a complexidade e a importância do sertão, combatendo estereótipos e promovendo o respeito à diversidade cultural brasileira.

Embora a Região Norte do estado de Minas Gerais seja comumente associada ao Sertão, a realidade é bem mais rica e diversificada. A mesorregião Norte de Minas Gerais, que engloba o Sertão, apresenta uma grande variedade de paisagens e climas. Enquanto algumas áreas se caracterizam por clima semiárido, com longas estiagens e vegetação adaptada a condições extremas, outras regiões possuem características mais úmidas, com rios perenes e florestas exuberantes. Essa diversidade geográfica influencia diretamente as atividades econômicas e o modo de vida da população local.

A denominação "Sertão Mineiro" ultrapassa os limites da mesorregião Norte, estendendo-se ao longo do curso do Rio São Francisco e de seus principais afluentes. Essa vasta área abrange parte da Região Noroeste do estado e apresenta grande diversidade cultural e histórica. A cultura sertaneja mineira é marcada por tradições

consolidadas, religiosidade e forte senso de comunidade. As festas populares, a música, a culinária e o artesanato são elementos que expressam a identidade cultural da região.

A pesquisa aborda a complexa relação entre fé, ancestralidade e território no Sertão Norte-Mineiro, especialmente no Recanto de São Pedro, próximo à Fazenda Sítio, em Bocaiuva/MG. O estudo investiga como a fé, mesmo em um ambiente árido e desafiador, pode florescer e contribuir para a revitalização da identidade local. Busca-se compreender a transmissão intergeracional de práticas e crenças religiosas, e como essas influenciam o imaginário coletivo e a construção do território rural singular. A análise é sustentada por um levantamento bibliográfico que articula os conceitos de território e ancestralidade religiosa.

A análise das relações entre cultura, ambiente e Sertão revela a importância da criatividade humana como motor de adaptação e transformação. O Sertão, com suas peculiaridades geográficas e culturais, exige soluções inovadoras para garantir a sobrevivência e o bem-estar da população. O sertanejo, com sua resiliência e hospitalidade, representa um exemplo de como é possível construir uma vida digna em meio às adversidades. A abordagem metodológica qualitativa se mostra fundamental para a compreensão das complexas interações entre o homem e o meio ambiente, bem como para a valorização do patrimônio cultural e ambiental do Sertão.

Metodologia

O município de Bocaiuva localiza-se no Norte de Minas Gerais, a aproximadamente 376 km da capital Belo Horizonte. Possui área territorial de 3.232,660 km² e uma população de 48.032 habitantes (IBGE, 2022). Trata-se de um território marcado por práticas culturais e religiosas que se manifestam de diferentes formas, permeando o cotidiano das comunidades locais.

Nesse contexto, destaca-se a comunidade rural Recanto de São Pedro, localizada na Serra do Espinhaço, a aproximadamente 50 km da sede municipal, nas proximidades da Fazenda Sítio.

A Fazenda Sítio, constituída em meados do século XVIII, integrou-se ao patrimônio da família Alkimim, e, posteriormente, passou a compor o espólio de Luciano

Fonseca Alkimim, falecido em julho de 2019, filho de José Maria de Alkimim, que exerceu o cargo de vice-presidente da República durante o Regime Militar e que detinha o título de domínio da propriedade (Ferreira, 2021).

O espaço constitui-se como um importante ponto de devoção e memória coletiva, reunindo elementos naturais e simbólicos que contribuem para a construção de um território sagrado, fortemente vinculado às tradições familiares e comunitárias. Como aponta Yi Fu Tuan (2012), os lugares tornam-se significativos quando carregados de experiências afetivas e coletivas, e os rituais realizados nesses espaços conferem sentido e identidade às pessoas. Como observa Brandão (1981), é por meio da vivência compartilhada das tradições, muitas vezes em gestos simples, como cozinhar ou servir, que a religiosidade popular se perpetua e fortalece seus laços.

Diante dessa realidade, a presente pesquisa adota a abordagem qualitativa, que busca compreender fenômenos sociais a partir da perspectiva dos participantes, explorando significados, experiências e contextos. Diferente da pesquisa quantitativa, que se concentra em dados numéricos e análise estatística, a pesquisa qualitativa emprega métodos como entrevistas, observação participante e análise documental para coletar dados ricos e detalhados.

Segundo Turato (2003) e Gil (2007), a pesquisa qualitativa aprofunda a compreensão sobre o objeto estudado de uma maneira específica, e não necessita de processos estatísticos de amostragem, e nem mesmo de um grande número de entrevistas para garantir a representatividade.

A pesquisa qualitativa oferece uma abordagem crucial para compreender como a percepção e a experiência de eventos vitais moldam as estruturas sociais. Conforme Fazito (2008), a maneira como as pessoas percebem e vivenciam os acontecimentos ao longo de suas vidas gera um "mecanismo de *feedback*" que afeta diretamente o tecido social.

Nesse contexto, a percepção, de acordo com Godoy (2015), não é apenas um ato passivo, mas uma ação de coletar informações sensoriais e processá-las em ideias coerentes. Essa definição ressalta a importância de analisar a dinâmica dos indivíduos

dentro da estrutura social, permitindo que o pesquisador explore a inter-relação entre o sujeito e seu ambiente ao longo do tempo e do espaço.

Ao enfatizar a perspectiva dos participantes, o contexto e a linguagem, a pesquisa qualitativa pode gerar *insights* valiosos sobre a complexidade da vida social. A atividade de campo, um componente essencial da pesquisa qualitativa, permite ao pesquisador mergulhar no ambiente estudado e estabelecer relações de confiança com os participantes.

A atividade de campo, um componente essencial, envolve a imersão no ambiente estudado permitindo uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e culturais em jogo. Nessa perspectiva, durante o trabalho de campo que ocorreu entre os dias 27 e 29 de junho de 2025, com foco na preparação e no dia do festejo, foram realizadas entrevistas com membros da família de Dona Luzia. A escolha desses participantes foi crucial, pois eles representam a continuidade e a memória do legado da matriarca.

As entrevistas foram realizadas com Conceição Aparecida Cruz Fonseca, filha de Dona Luzia e uma das guardiãs de sua memória; Juliane Cruz Pereira, neta que representa a continuidade das tradições familiares e que, em 2025, exerceu o papel de festeira; Helianne Christiane Rodrigues Cruz Silva, neta que contribui para a preservação e transmissão da história, mesmo professando a fé protestante; e Thainá Eduarda Alves Cruz, neta cuja participação destacou a relevância afetiva e simbólica do evento.

Os relatos apresentam dados contextualizados que subsidiam a análise da manifestação da ancestralidade na religiosidade local, e de seus impactos na comunidade.

Territorialidade religiosa

A territorialidade religiosa é um pilar fundamental na Geografia da Religião, focando nas formas espaciais através das quais as práticas religiosas se manifestam e estruturam o espaço. Este conceito engloba as dimensões espaciais da experiência religiosa, incluindo a disseminação e abrangência da fé, o território e a territorialidade religiosa, o espaço e o lugar sagrado, bem como a percepção e o simbolismo. A análise

da territorialidade religiosa permite compreender como as comunidades religiosas moldam e são moldadas pelos espaços que habitam, influenciando a organização social e cultural (Rosendahl, 1996).

A territorialidade religiosa é um campo multifacetado que integra a geografia, a religião e a antropologia, permitindo uma compreensão mais profunda das interações entre espaço, poder e crença. Ao analisar como as práticas religiosas moldam e são moldadas pelo espaço, podemos obter insights valiosos sobre a organização social, a identidade cultural e a experiência humana. A compreensão da dimensão subjetiva, a análise do território e a manifestação do sagrado são elementos essenciais para aprofundar o estudo da territorialidade religiosa.

É fundamental compreender não apenas como o homem percebe o mundo, mas também como ele o imagina e o representa em suas construções mentais. É no espaço público que se materializam as relações sociais, constituindo um palco onde as práticas e os encontros moldam e são moldados por suas construções (Rosendahl, 2003).

Em suma, a sacralização do espaço e a formação de territórios religiosos são processos complexos que envolvem a atribuição de significado, a manifestação do poder e a vivência do sagrado.

O conceito de hierofania, introduzido por Mircea Eliade, designa o processo pelo qual "algo de Sagrado se nos revela" (Eliade, 2002). Esse fenômeno é fundamental para a sacralização de espaços, transformando locais profanos em centros de devoção. Em consequência disso, Tonaco (2008) expande essa compreensão, demonstrando que as hierofanias não se restringem a eventos ou locais específicos, podendo manifestar-se em uma variedade de elementos, como objetos, fenômenos naturais, ou até mesmo pessoas. Essa ubiquidade da revelação sagrada é um ponto crucial para entender como as práticas religiosas moldam o espaço e, em contrapartida, como o espaço influencia a religiosidade, criando uma relação dialógica entre o ambiente físico e as crenças de uma comunidade.

A interação entre religião e geografia manifesta-se de maneiras complexas e multifacetadas, influenciando a organização espacial e as dinâmicas culturais. A fé, ao

se propagar, desempenha um papel crucial na geografia, especialmente através da ação missionária, que expande ideias e molda simbolismos, por vezes resultando em intensas trocas culturais durante o processo de aculturação (Rosendahl, 2018).

A religião pode ser examinada no contexto geográfico em relação à apropriação de determinados segmentos do espaço. Conforme abordou Corrêa, a apropriação, de um lado:

Associa-se ao controle, de fato efetivo, por vezes legitimado, por parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço (...), a apropriação pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas especializadas realizadas por grupos distintos definidos segundo a renda, a raça, a religião, o sexo, a idade ou outros atributos (Corrêa, 1994, p. 12).

A religião, ao se institucionalizar, atua como uma estratégia geográfica de poder, exercendo controle sobre pessoas, recursos, e, conseqüentemente, sobre o território (Corrêa, 1994). Nesse sentido, Haesbaert (2006) complementa essa visão ao definir território não apenas como um espaço físico, mas como um produto da apropriação social. Para o autor, um grupo social estabelece um território por meio de relações de controle político ou laços de pertencimento afetivo e identitário, demonstrando a natureza relacional desse conceito.

Para Bonnemaïson (2002), a territorialidade pode ser uma estratégia político-cultural com vistas à legitimação da ocupação de determinado espaço. Segundo Jesus (2007), a territorialidade religiosa é o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos religiosos para controlar determinado território.

A análise da territorialidade religiosa, segundo Rosendahl (1996), revela como o poder do sagrado se materializa em espaços específicos, configurando territórios que expressam controle, identidade e significado cultural. A hierocracia, como poder sagrado, fundamenta essa organização territorial, que vai além do espaço físico para abarcar dimensões simbólicas e culturais profundas. Assim, a territorialidade religiosa é essencial para entender a articulação entre religião, espaço e poder na sociedade (De Castilho, 2010).

A manifestação do sagrado em um determinado local é um fenômeno que inevitavelmente desencadeia a territorialidade, moldando um espaço geográfico e social imbuído de valores e significados culturais. Essa teia de significados transcende a

mera existência, configurando-se como uma "arte de viver" e uma "razão de viver" para as comunidades envolvidas, conforme apontado por Claval (2014). A relação entre o sagrado e o território é complexa, envolvendo demarcação, controle de acesso e gestão do poder religioso, elementos que serão explorados a seguir.

A análise da territorialidade religiosa oferece uma perspectiva valiosa para entender como o sagrado se manifesta e se organiza no espaço. Ao considerar as relações de poder, as identidades construídas e as estratégias de territorialização, é possível desenvolver marcos teóricos mais robustos e compreender as transformações contemporâneas na organização territorial do sagrado, com implicações importantes para diversas áreas do conhecimento, como a Geografia, a Sociologia da Religião e os Estudos Culturais.

Vivência devocional e ancestralidade religiosa

A vivência devocional constitui um dos eixos centrais para compreender a forma como os sujeitos se relacionam com o sagrado, ultrapassando a dimensão meramente institucional da religião. De acordo com Zinnbauer e Pargament (2005), a religiosidade se expressa em múltiplas práticas, desde a participação em ritos comunitários, até manifestações íntimas de fé, como a oração individual. Essa diversidade de expressões evidencia que a devoção, entendida como prática cotidiana de religiosidade, assume caráter plural e dinâmico, sendo elemento fundamental para a constituição de identidades e pertencimentos coletivos.

No campo das Ciências da Saúde, Cunha, Rossato e Scorsolini-Comin (2021) destacam que os termos religião, religiosidade e espiritualidade são mobilizados de diferentes formas, refletindo tensões epistemológicas e metodológicas. Enquanto a religião é frequentemente vinculada a instituições e tradições organizadas (Koenig, 2012; Oman, 2013), a religiosidade remete a modos pessoais de vivenciar a fé (Précoma et al., 2019; Mishra et al., 2017). A espiritualidade, por sua vez, ganha relevo contemporâneo como dimensão existencial, muitas vezes apartada das instituições religiosas, mas ainda conectada à busca de sentido e transcendência (Paloutzian, 2017; CRP-SP, 2015).

Nesse contexto, a vivência devocional pode ser interpretada como uma síntese prática dessas dimensões, pois articula fé institucionalizada, religiosidade pessoal e espiritualidade subjetiva. Ela expressa não apenas a adesão a crenças, mas a construção de uma experiência integral, que se manifesta tanto no espaço comunitário quanto na intimidade cotidiana (Hill; Pargament, 2003).

A ancestralidade religiosa, por sua vez, amplia essa compreensão ao inserir a dimensão histórica e coletiva das práticas devocionais. Gaia e Scorsolini-Comin (2020) argumentam que, em tradições afro-brasileiras como o candomblé, a ancestralidade não se reduz a um conjunto de crenças, mas configura-se como modo de vida, resistência e afirmação identitária. Diferente de espiritualidade e religiosidade, que podem ser concebidas no âmbito individual, a ancestralidade situa a vivência devocional em um fluxo intergeracional em que memória, herança cultural e resistência ao apagamento histórico são elementos constitutivos.

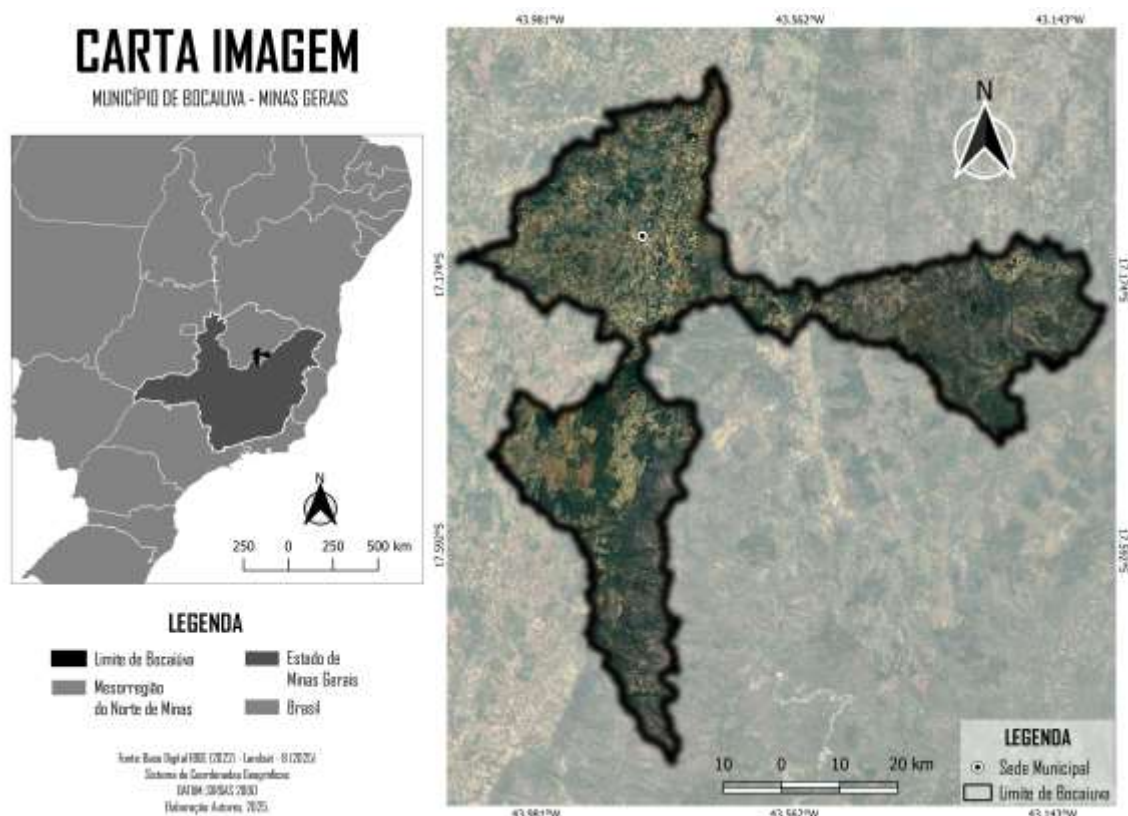
Dessa forma, pensar a vivência devocional a partir da ancestralidade religiosa é reconhecer que a experiência do sagrado não se dá apenas em práticas rituais, mas em processos de transmissão de saberes, afetos e memórias coletivas. Essa perspectiva se revela particularmente relevante em contextos de resistência cultural, como as religiões de matriz africana, onde a devoção não é apenas expressão de fé, mas também de afirmação étnico-racial e política (Cunha; Scorsolini-Comin, 2021).

Portanto, a articulação entre vivência devocional e ancestralidade religiosa permite compreender a religiosidade como prática complexa, que envolve dimensões subjetivas e coletivas, históricas e existenciais. Trata-se de uma chave analítica fundamental para pensar a religião enquanto experiência viva, marcada tanto pela intimidade da devoção quanto pela memória ancestral que sustenta identidades e comunidades.

A construção do festejo ancestral

O município de Bocaiuva está situado no Norte de Minas Gerais, a 376 km da capital Belo Horizonte, ocupando uma área de 3.232,660 km², e possui uma população de 48.032 habitantes (IBGE, 2022) (figura 1).

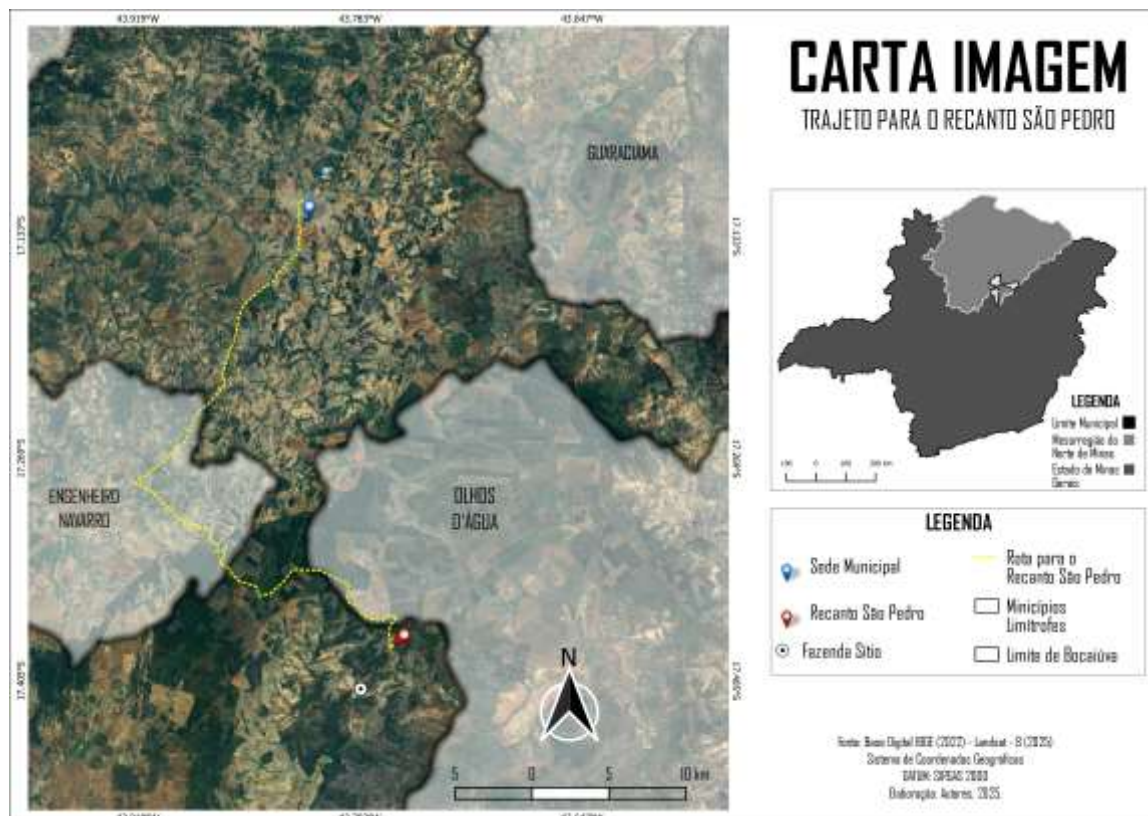
Figura 1 – Carta Imagem de Localização de Bocaiuva/MG



Organização: Autores, 2025.

Nas proximidades da Fazenda Sítio, propriedade particular de Luciano Alkimim, encontra-se o Recanto de São Pedro, um local rico em história e natureza. Situado a cerca de 50 km da sede municipal, na serra do Espinhaço (figura 2). A Fazenda Sítio é cortada pelos rios Lajes e Caatinga, e possui a bela cachoeira de Santa Cruz. Conforme estudos de Ribeiro (2006), a região, com altitude média de 750 m, apresenta características do bioma Cerrado, com vegetação de mata de cerrado e campos rupestres (Simões et Cruz, 2009).

Figura 2 - Carta Imagem de Localização da Fazenda Sítio e do Recanto São Pedro.



Organização: Autores, 2025.

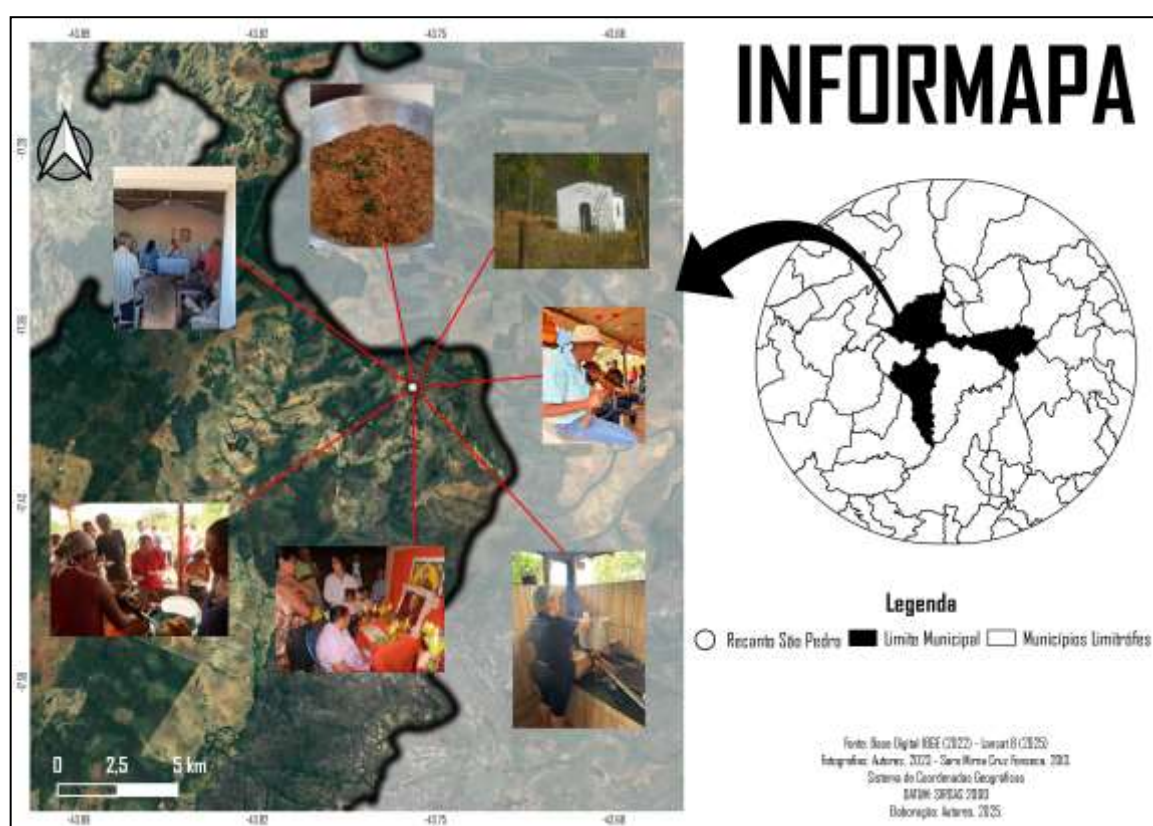
A perpetuidade devocional permeia a história dos pais de Dona Luzia dos Montes Cruz:

Minha mãe sempre sonhou em construir uma igreja no terreno da família, consagrando aquele território com uma pequena igreja de São Pedro, caso fizesse uma casa no local. Esse sonho se intensificou quando meu irmão Dimas, que morava em Belo Horizonte, adoeceu, e a minha mãe expressou a vontade de reafirmar um compromisso, que, ao ser honrado, seria celebrado com uma festa. Decidimos, então, realizar uma festa para celebrar a retomada desse projeto e honrar a fé da minha mãe. A Sueli (minha irmã) pegou a antiga bandeira de São Pedro (figura 3), que era dos meus avós, na casa da minha tia. Ela estava bastante deteriorada, mas conseguimos restaurá-la. Depois fizemos uma festa na casa de Sueli para celebrar e dar início aos preparativos para a construção da igreja em homenagem a Santa Luzia, minha mãe (Fonseca, 2024).

A construção da igrejinha (figura 3), segundo Fonseca (2024), proporcionou um espaço sagrado para a comunidade, intensificando a devoção a Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida e São Pedro. A festa principal em homenagem a São Pedro,

celebrada no terreno, destaca-se pela simplicidade, reza da ladainha e do terço, muita comida (figura 3), e a animada participação da Folia de Reis de Engenheiro Navarro, e da sua família. A transmissão da fé dentro da família, embora tenha sofrido interrupções com o falecimento de Dimas e Sueli, foi mantida viva por seus descendentes. Em 2023, um filho de Dimas assumiu esse legado, seguido por um filho de Dona Luzia (figura 3) em 2024.

Figura 3 – Informapa



Organização: Autores, 2025.

Em 2025, a tradição familiar ganhou uma nova protagonista: Juliane Cruz Pereira, filha de Sueli. Ao refletir sobre assumir o papel de festeira e perpetuar o legado iniciado por sua avó, Dona Luzia, ela revelou:

Foi uma honra muito grande e de uma emoção sem fim poder ser festeira este ano. Como eu disse, é um legado, é a fé que vem sendo passada de geração em geração, e poder fazer parte disso é emocionante. Essa tradição vem dos pais da minha avó, a saudosa Dona Luzia do Sítio, mulher de muita

fé, que sempre honrou as raízes da fé professada por seus pais. Mesmo com todas as dificuldades da época, na humildade, ela sempre fez acontecer os festejos em honra a São Pedro na comunidade em que morava. Então, eu tenho muito orgulho em fazer parte da história de fé da minha família e levar adiante essa tradição. (Pereira, 2025)

Segundo Pereira (2025), a devoção a São Pedro transcendeu gerações, mantendo-se viva não apenas como tradição, mas como expressão genuína de fé. Suas palavras evidenciam o peso simbólico de carregar esse legado e a consciência de estar inserida em uma história maior que sua própria experiência individual. Com essa perspectiva geracional bem estabelecida, é possível compreender como a festa de São Pedro (figura 4) se consolidou não apenas como evento religioso, mas como elemento identitário dessa família e da comunidade que a acolhe. Ao ser indagada sobre os desafios enfrentados na organização do evento, a resposta de Juliane surpreende pela perspectiva otimista e pela valorização do trabalho coletivo:

Acredito que, com Deus à frente, tudo se torna mais fácil. Não posso dizer que houve dificuldades, pois sempre contamos com a ajuda de todos para a realização dos festejos. Eu sempre digo que todos somos os festeiros, pois o festeiro sempre conta com a participação de todos para a realização da festa: seja na doação, na mão de obra ou na organização, sempre tem a mão de todos. E isso é o que faz essa tradição ser ainda mais bonita: é a celebração da comunhão da fé, da partilha, da mão que ajuda, que se doa! É lindo ver e viver! (Pereira, 2025)

Assim, evidencia-se como característica central dos festejos religiosos populares o seu caráter comunitário. A afirmação de Pereira (2025) de que “todos somos os festeiros” demonstra que a celebração ultrapassa a figura individual do organizador, configurando-se como uma prática coletiva de fé e solidariedade. Tal perspectiva revela que a continuidade da tradição não depende apenas da devoção individual, mas da participação conjunta e da cooperação comunitária que a sustentam.

Figura 4 – Capela ornamentada para a festa de São Pedro



Fonte: Autores, 2025.

A fala de Pereira (2025) também ressoa com as análises de Carlos Rodrigues Brandão em *Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular* (1981). Brandão identifica dois pilares essenciais na religiosidade popular brasileira que se complementam. O primeiro pilar é a transmissão geracional, onde a fé é perpetuada por meio de um processo informal, uma "pedagogia do catolicismo popular" baseada na vivência compartilhada entre gerações. Isso se manifesta no relato de Pereira (2025) ao afirmar que a tradição "vem dos pais da sua avó", caracterizando-a como um "legado" de fé.

O segundo pilar, a coletividade, é central para a compreensão da frase "todos somos os festeiros". Para Brandão (1981) as manifestações religiosas populares são expressões de solidariedade e reciprocidade, nas quais a organização não é uma responsabilidade individual, mas um esforço comunitário. Essa prática de apoio mútuo fortalece a identidade religiosa compartilhada, e os laços sociais.

A influência de Dona Luzia na comunidade transcende as fronteiras confessionais, manifestando-se na capacidade de unir a família, independentemente de suas escolhas religiosas individuais. A neta, Helianne Christiane Rodrigues Cruz Silva,

mesmo sendo membra de uma denominação protestante, continua a apoiar e a participar ativamente da tradição familiar. Ao ser questionada sobre a sua participação na organização de uma festa de tradição católica, Silva (2025) demonstrou uma perspectiva que rompe com as barreiras denominacionais, destacando a relevância da tradição familiar acima das diferenças religiosas:

Eu, sendo protestante, participo da organização de uma festa tradicionalmente católica porque a minha fé vai além das normas impostas pela religião protestante. O que eu vejo e sinto... eu falo porque vejo um sentimento nas pessoas, um amor, uma fé nas pessoas que estão envolvidas. Hoje em dia, as pessoas estão muito preconceituosas em relação à religiosidade. Temos mania de julgar, de passar por cima dos sentimentos. E eu, sendo protestante, não posso me colocar acima, achando que meu jeito de agir é o certo. Eu tenho que respeitar a fé do outro, até porque eu já estive do outro lado. E o que aprendi foi amor, foi doação. A gente faz pelo amor e pela gratidão. Essa festa do Recanto é para mostrar que não devemos deixar para trás as tradições que foram passadas de geração em geração, independentemente da religião, porque não fazem mal a ninguém — muito pelo contrário, fazem bem, são comunhão entre os irmãos. E a própria Bíblia fala sobre isso: 'é bom que os irmãos estejam unidos'. A tradição mostra que você tem uma identidade, uma identidade religiosa, aquilo em que você acredita. E quando você faz aquilo em que acredita, você sabe de onde veio. (Silva, 2025)

Ao ser questionada sobre a participação de sua avó, Dona Luzia, na história da festa, e como isso influencia sua própria dedicação, Silva (2025) compartilhou memórias que revelam a profundidade do legado deixado pela matriarca:

Eu me lembro que ela sempre dizia que não podia deixar as tradições dos pais morrerem, porque, se eles faziam, era porque tinham fé. E se não fizesse, acabaria, morreria a tradição. E a tradição se passa de pai para filho. Porque são coisas boas. A fé é uma coisa boa, é um movimento, e a gente transmite aquilo que a gente tem de gratidão, aquilo em que acredita. Ela acreditava que, fazendo isso, de alguma forma, estaria sendo grata. A vovó não media esforços para fazer as comidas, procurava ajuda, fazia questão de convidar todas as comunidades. Ela ficava satisfeita quando via a capela cheia, porque, ao ver aquilo, sabia que tudo tinha valido a pena, e que as pessoas não tinham deixado sua fé e sua tradição morrerem. De alguma forma, a fé estava viva, porque o povo é muito sofrido, e essa comunhão trazia um pouco de refrigério para esse povo tão sofrido. O que ela viveu desde menina com seus pais, outras famílias também viveriam: essa tradição rica, que mostra que o povo tem uma fé que supera todas as adversidades e os sofrimentos deste mundo cruel e corrupto, imposto a nós. Ela era uma mulher religiosa muito à frente do seu tempo. Uma mulher que eu aprendi a admirar, vendo sua força e empoderamento, tanto na fé quanto no cotidiano da vida. Eu vi a vovó como esse exemplo. Tenho ela como espelho. E é por isso que eu não meço esforços, mesmo sendo protestante. A minha fé se torna incomum com a

dela, unida em prol da felicidade do outro. Eu sei que muitos falam: ‘Mas você é protestante!’ Mas, mesmo sendo protestante, é valioso isso que aprendi dentro de mim: o amor, o respeito e a fé em Deus. Eu não posso perder minhas raízes. (Silva, 2025)

A trajetória narrada por Silva (2025) demonstra como o verdadeiro legado espiritual transcende barreiras denominacionais. Sua decisão de se manter conectada às tradições familiares, mesmo sendo protestante, exemplifica uma compreensão madura da religiosidade, que prioriza valores universais como o amor, o respeito e a fé, acima de diferenças doutrinárias.

Na véspera do dia principal do festejo, por exemplo, as mulheres da família se dedicam aos preparativos culinários, como o corte da mandioca e da carne para o preparo do caldo, além do cozimento do frango utilizado no arroz, e da carne destinada à farofa. Esses pratos tradicionais compõem o cardápio característico da celebração e expressam práticas coletivas enraizadas na memória e na continuidade cultural. Nesse contexto, o fazer culinário não é apenas uma tarefa prática, mas um ritual de pertencimento e de reafirmação identitária, no qual os saberes e os sabores se entrelaçam à fé e ao afeto comunitário. Assim, o alimento produzido coletivamente torna-se símbolo da partilha e da comunhão que sustentam a festa como expressão viva da espiritualidade familiar e comunitária (figura 9 e 10).

Essa compreensão se amplia quando observamos que, durante os festejos, não são apenas os rituais religiosos que ganham centralidade, mas também os gestos cotidianos, como o preparo coletivo dos alimentos, que reforçam a ligação afetiva entre as pessoas, o território e a memória, materializando o que Tuan (2012) define como a construção simbólica do espaço vivido.

A religiosidade do festejo sempre foi cuidadosamente preservada ao longo dos anos, constituindo-se como um dos pilares que sustentam a memória, a fé e os vínculos familiares. Trata-se de um momento em que a unidade da família não apenas é celebrada, mas também fortalecida pela devoção ao santo padroeiro, criando um ambiente de pertencimento e continuidade entre as gerações.

Após o falecimento de Dona Luzia, sua irmã Maria Aparecida dos Montes (figura 5) passou a ser reconhecida como a nova matriarca da família. Mesmo aos 80 anos de

idade, ela faz questão de estar presente em todos os momentos importantes da festa, especialmente nas rezas e nas confraternizações da sua família. Sua presença é vista como um ato de resistência afetiva e espiritual, reafirmando a importância de manter viva a tradição herdada. A senhora Maria Aparecida, com sua fé silenciosa e postura acolhedora, simboliza a continuidade dos valores familiares e religiosos que sustentam o festejo, tornando-se uma figura respeitada e admirada por todos os membros da comunidade.

Figura 5 – Maria Aparecida - irmã de Dona Luzia.



Fonte: Autores, 2025.

A partilha da comida é um momento que ocorre sempre após as rezas, respeitando uma ordem tradicional que reforça o caráter sagrado do festejo (celebração da palavra/missa, a ladainha de São Pedro, e depois o hasteamento da bandeira de São Pedro). Os alimentos só são servidos depois que os rituais religiosos se encerram. Esse costume revela a importância de priorizar o aspecto espiritual da festa, demonstrando reverência e fé antes da confraternização comunitária. Como afirma Bourdieu (2003), os

rituais religiosos estruturam práticas e comportamentos sociais, marcando o tempo e o espaço segundo uma lógica simbólica que regula o cotidiano dos fiéis. Assim, o alimento não é apenas sustento físico, mas também símbolo de comunhão entre os participantes, fortalecendo os laços entre o sagrado e o profano, conforme já observado por Eliade (1992) ao destacar que os momentos de partilha reforçam a continuidade dos valores comunitários.

Durante o festejo, um dos momentos de maior significado foi a visita do Terno de Folia¹ liderado por Seu João Menino (figura 6), do Distrito de São Norberto (Carne Seca), município de Engenheiro Navarro/MG. A chegada do grupo, com sua bandeira dos Santos Reis e os cantos tradicionais acompanhados por instrumentos como caixa, viola e pandeiro, trouxe ao ambiente uma atmosfera de devoção e alegria coletiva, sendo ainda abrilhantada pela apresentação da dança do Lundu. Entre os integrantes destacou-se Luiz Carlos, filho de Dona Luzia, que assumiu a voz principal do terno, conduzindo os cânticos com emoção e firmeza. Sua presença deu um tom ainda mais afetivo à visita, representando a continuidade da tradição dentro da própria família anfitriã do festejo. A visita do terno representa mais do que uma simples apresentação musical: ela carrega um profundo valor simbólico, reforçando a fé, a tradição oral e os laços de pertencimento comunitário.

A presença do terno reatualiza práticas religiosas herdadas de gerações passadas, aproximando o sagrado do cotidiano e fortalecendo os vínculos afetivos entre os participantes do festejo. Além disso, a visita funciona como um elo entre diferentes localidades, evidenciando a importância da circulação das manifestações culturais populares na manutenção das tradições e na valorização da identidade regional.

¹ A Folia de Reis ou Reisado, que chegou ao Brasil junto com os portugueses no período de catequese e colonização, é a festa que comemora e louva os três Reis Magos, Gaspar, Belchior e Baltazar, a partir do instante em que recebem o aviso do nascimento do Messias, até a hora em que encontram o Deus menino na lapinha. Os festejos, que têm início à meia noite do dia 24 de dezembro, dia de Natal, e prosseguem até o dia 5 de janeiro, representando o tempo de andança dos Reis, embalados pelas cantorias e o som da viola caipira, pandeiro, acordeons, violões, cavaquinho, reco-reco, caixa, bumbo e rabeca, instrumento de arco precursor do violino (Freitas, 2022).

Figura 6 – Terno de Folia de Reis de São João Menino do Distrito de São Norberto (Carne Seca) – Engenheiro Navarro.



Fonte: Autores, 2025.

O relato de Thainá revela a força simbólica e afetiva da família Cruz:

Foi significativo dessa vez, por poder participar e ver a família reunida (mesmo faltando muitos), tentando não deixar ‘morrer’ essa tradição... Ver alguns rostos ali, que mesmo cansados, fizeram um esforço para chegar até lá, como meu tio Luiz (CRUZ, 2025).

Nesse contexto, o festejo se consolida como um espaço-tempo privilegiado de reconstrução da memória coletiva e reafirmação identitária, em que a convivência familiar e a prática ritual se entrelaçam na experiência compartilhada da tradição. Tratando-se de um tempo de retorno às raízes, onde memórias afetivas são revividas e os laços de parentesco são renovados com intensidade emocional. A reunião em torno da fé e da celebração fortalece o sentimento de pertencimento e identidade familiar, funcionando como um elo entre as gerações passadas, presentes e futuras. Para a família Cruz, em especial, esse momento é de suma importância para a manutenção do

próprio festejo, já que é nesse contexto que se reatualiza o compromisso coletivo com a tradição religiosa, garantindo sua continuidade ao longo do tempo. Assim, o festejo não apenas celebra o sagrado, mas também atua como um dispositivo social e simbólico que assegura a perpetuidade da história familiar, sendo um dos principais mecanismos de preservação da memória e da unidade entre os seus membros. Nesse sentido, o festejo é um espaço-tempo carregado de significado, onde o reencontro familiar se transforma em um ato de reafirmação da fé, da memória e da continuidade da linhagem.

Diante das narrativas apresentadas, evidencia-se a profunda conexão entre a família e a terra, manifestada na perenidade das celebrações religiosas. A construção da igreja, a restauração da bandeira de São Pedro e a manutenção das festas tradicionais, como a de São Pedro, demonstram o desejo de perpetuar a ancestralidade e fortalecer os laços comunitários. A fé, transmitida de geração em geração, emerge como um elemento fundamental na construção identitária dos moradores do Sertão Norte-Mineiro, configurando um território religioso onde a memória e a espiritualidade se entrelaçam.

Para refletir sobre a força da tradição

A fé do povo do Sertão Norte-Mineiro é mais do que uma crença religiosa, é uma força vital que permeia o cotidiano, uma esperança que resiste às adversidades do clima árido, e às dificuldades socioeconômicas. No Sertão, a fé se manifesta nas festas, nas procissões e nas orações, mas, acima de tudo, no dia a dia de cada homem e mulher que, diante da escassez, encontra forças para seguir em frente. É um fio invisível que tece a identidade da comunidade, alimentando o sonho por dias melhores, e proporcionando uma resiliência que transcende gerações. É, portanto, a fé que ilumina o caminho do sertanejo, mantendo-o firme, com o olhar voltado para o futuro, mas sem perder o vínculo com suas raízes e tradições.

No contexto do Sertão Norte-Mineiro, o Recanto de São Pedro, situado no bioma Cerrado, com suas características de solo ácido, pouco fértil e com recursos hídricos limitados, só permaneceu neste lugar devido à luta do pai ao adquirir esta terra, mesmo diante das adversidades do local. Dona Luzia, com suas mãos calejadas e alma

forte, ergueu muito mais do que um lar em meio ao Sertão Norte-Mineiro, construiu um território sagrado, onde a terra e a fé se entrelaçam profundamente. Hoje, seus filhos e netos carregam consigo não apenas os ensinamentos e tradições de sua ancestralidade, mas também a responsabilidade de manter vivo esse legado, repassando os costumes e as crenças para as futuras gerações.

A demonstração de que a ancestralidade religiosa no Sertão Norte-Mineiro é um processo dinâmico e complexo, marcado pela continuidade e pela transformação. A construção da igreja, a restauração da bandeira de São Pedro, e a manutenção das festas tradicionais revelam a importância da memória e da espiritualidade na construção da identidade local. As mulheres, em especial Dona Luzia e Sueli, emergem como figuras centrais nessa tradição, demonstrando o papel fundamental do feminino na transmissão da fé. A análise da relação entre o indivíduo e o coletivo, bem como a dimensão espacial da fé, permitem compreender a ancestralidade como um bem comum, construído e partilhado pelas gerações.

Os resultados desta pesquisa contribuem para o campo de estudos sobre religião popular, oferecendo novas perspectivas para a análise da relação entre fé, memória e território. Que esta região continue sendo um símbolo da rica diversidade cultural e de uma conexão visceral com a terra. Que o sertão permaneça pulsando com as memórias de seus antepassados, ecoando a fé que transforma cada grão de areia em história, e cada folha de Caatinga em uma celebração da vida. Assim, Dona Luzia estará sempre presente, guiando, protegendo e inspirando aqueles que, como ela, sabem que o verdadeiro sagrado nasce do amor à terra e ao próximo.

Referências

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENTHAL, Z. (Orgs.). Geografia cultural: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 83-131, 2002.

Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 9, n. 26, p. 128 – 142, 2008.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola:** rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

CLAVAL, Paul. Epistemologia da Geografia. 2 ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014.
Cultura, Rio de Janeiro, n. 15, p. 01 13, 2003.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO (CRP-SP). **Recomendações para atuação profissional da(o) psicóloga(o): relatório síntese das discussões dos seminários estaduais Psicologia, laicidade e as relações com a religião e a espiritualidade**. São Paulo: CRP-SP, 2015. Disponível em: http://www.crp-sp.org.br/diverpsi/arquivos/Recomendacoes_Diverpsi.pdf. Acesso em: 19 ago. 2025.

CORRÊA, Roberto Lobato. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M. e outros. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994. p. 251- 256.

CRUZ, Thainá Eduarda Alves. **Fé, território e cultura**. Entrevista concedida a Sabrina da Silva Gonçalves. Bocaiúva, 07 de Julho de 2025.

CUNHA, Vivian Fukumasu SCORSOLINI-COMIN, Fábio, F. A transcendência no cuidar: percepções de enfermeiros. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 22, n. 1, p. 270-283, 2021.

CUNHA, Vivian Fukumasu; ROSSATO, Lucas; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. Religião, religiosidade, espiritualidade, ancestralidade: tensões e potencialidades no campo da saúde. **Revista de Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 11, n. 3, p. 232-251, 2021.

DE CASTILHO, Maria Augusta. Cristianismo e Territorialidade: Os Espaços Sagrados no Cotidiano dos Fiéis Católicos. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 39 58, 2010.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAZITO, Dimitri. Análises qualitativas na Demografia In: org. por Paula Miranda-Ribeiro. Qualificando os números. Belo Horizonte: ABEP : UNFPA, 2008.p. 23-38.
<https://brazil.unfpa.org/pt-br/publications/demografia-em-debate-volume-2-qualificando-os-n%C3%BAmeros-estudos-sobre-sa%C3%BAde-sexual-e>

FERREIRA, Sarah Gonçalves. **Justiça Garante Posse Do Território Tradicional Para Comunidade Quilombola Mocambo**. 21 maio 2021. Disponível em: <https://www.caa.org.br/biblioteca/noticia/justica-garante-posse-do-territorio-tradicional-para-comunidade-quilombola-mocambo>. Acesso em: 22 ago. 2025.

FONSECA, Conceição Aparecida Cruz. **Fé, território e cultura**. Entrevista concedida a Sabrina da Silva Gonçalves. Bocaiúva, 10 de setembro de 2024.

FREITAS, Manoel. **Alto Belo, 41 anos de Folia de Reis**. 2022. Disponível em: <<https://onorte.net/variedades/alto-belo-41-anos-de-foia-de-reis-1.939794>>. Acesso em: 15 jul. 2025.

GAIA, Ronan da Silva Pereira; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. **Candomblé Ketu e o sincretismo religioso no Brasil**: perspectivas sobre as representações de Oxalá na diáspora. *Memorandum*, Belo Horizonte, v. 37, p. 1-21, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. – 9. reimpr. São Paulo: Atlas, 2007. 208 p.

GODOY, Cristiane Maria Tonetto. **A emergência da identidade ambiental territorial na agricultura familiar nos municípios de Santa Rosa e Novo Machado**, RS. 2015. 113f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/3820>. Acesso em: 27 mai. 2025

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HILL, Peter C.; PARGAMENT, Kenneth I. Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: implications for physical and mental health research. *American Psychologist*, Washington, v. 58, n. 1, p. 64-74, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.58.1.64>.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KOENIG, Harold George. Religion, spirituality, and health: the research and clinical implications. *ISRN Psychiatry*, Cairo, v. 2012, p. 1-33, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5402/2012/278730>.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico**, 2022. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em: 07 jul. 2025.

JESUS, Alisson Luiz de Freitas de Jesus. **No sertão da Minas**: Escravidão, violência e liberdade (1830-1888). São Paulo: Annablume: Belo Horizonte: FAPEMIG, 2007.

KIMURA, Lilian; LEMES, Renan Barbosa; NUNES, Kelly. Ancestralidade: genética, herança e identidade. *Genética na Escola*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 41–52, 2022.

LUCCHETTI, G. et al. Spirituality or religiosity: is there any difference?. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 37, n. 1, p. 83, 2015.

MISHRA, Shiri K. et al. Spirituality and religiosity and its role in health and diseases. **Journal of Religion and Health**, New York, v. 56, n. 4, p. 1282-1290, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10943-015-0100-z>.

OMAN, David. Defining religion and spirituality. In: PALOUTZIAN, R. F.; PARK, C. L. (ed.). **Handbook of the psychology of religion and spirituality**. 2. ed. New York: Guilford Press, 2013. p. 23-47.

PALOUTZIAN, Raymond Frank. **Invitation to the psychology of religion**. 3. ed. New York: Guilford Press, 2017.

PEREIRA, Juliane Cruz. **Fé, território e cultura**. Entrevista concedida a Sabrina da Silva Gonçalves. Bocaiúva, 07 de Julho de 2025.

PRÉCOMA, Dalton Bertolim. et al. Religiosidade e espiritualidade em saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, n. 3, p. 640-645, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0705>.

RIBEIRO, Eliade Maria Fernandes. **Bocaiúva: espaços desiguais**. Bocaiúva: Verano Editora, 2006. Rio de Janeiro, Ano IX, n. 17, p. 19 45, 2007.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise**. In: Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Espaço e Religião: Uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

ROSEDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

SILVA, Helianne Christiane Rodrigues Cruz. **Fé, território e cultura**. Entrevista concedida a Sabrina da Silva Gonçalves. Bocaiúva, 07 de Julho de 2025.

SIMÕES, Alessandra Lemos; CRUZ, Anderson Cruz. **Costumes e Tradições: De Um Novo e Velho Sertão: A Fazenda Sítio Pela Ótica Do Fotojornalismo**, 2009.

TONACO, Daiana Aparecida. **Território Religioso e suas territorialidades: Uma história do município de Santo Antônio de Goiás (1946 2000)**, 2008.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção. Atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: EDUEL, 2012.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 688p.

ZINNBAUER, Brian Joseph; PARGAMENT, Kenneth. Religiousness and spirituality. In: PALOUTZIAN, R. F.; PARK, C. L. (ed.). **Handbook of the psychology of religion and spirituality**. New York: Guilford Press, 2005. p. 21-42.

Recebido: 12/09/2025 Publicado: 14/03/2026

Editor Geral: Dr. Eliseu Pereira de Brito